



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO- BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MICHEL LUÍS TAVARES DE CARVALHO

**“PEDAGOGIA DO ARMÁRIO”: UM ESTUDO SOBRE A EXPERIÊNCIA DOS
ESTUDANTES LGTB'S NA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO
INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA/UNILAB-MALÊS**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

MICHEL LUÍS TAVARES DE CARVALHO

**“PEDAGOGIA DO ARMÁRIO”: UM ESTUDO SOBRE A EXPERIÊNCIA DOS
ESTUDANTES LGTBTS NA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO
INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA/UNILAB-MALÊS**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades sediado no Instituto de Humanidades e Letras, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lia Dias Laranjeira.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

MICHEL LUÍS TAVARES DE CARVALHO

**“PEDAGOGIA DO ARMÁRIO”: UM ESTUDO SOBRE A EXPERIÊNCIA DOS
ESTUDANTES LGTBTS NA UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO
INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA/UNILAB-MALÊS**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades sediado no Instituto de Humanidades e Letras, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 03/09/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Lia Dias Laranjeira (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Caterina Rea

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Marlon Marcos Vieira Passos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	OBJETIVOS	10
2.1	OBJETIVO GERAL	10
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
3	JUSTIFICATIVA	10
4	REFERENCIAL TEÓRICO	12
5	METODOLOGIA	17
6	CRONOGRAMA	19
	REFERÊNCIAS	20

1 INTRODUÇÃO

Na minha experiência de vida em Achada São Filipe, zona localizada ao norte da cidade de Praia, em Cabo Verde, aprendi que os relacionamentos amorosos e sexuais dentro do padrão, eram aqueles vivenciados entre pessoas de sexo diferente. Quando estudava no ensino fundamental, em Cabo Verde, presenciei várias situações de preconceito, homofobia, dentre outros problemas relacionados à presença de estudantes homossexuais no espaço escolar. À época, percebia que esses problemas eram sempre provocados por homens cisgêneros e seguidores de uma ordem sexual que compreendi depois como sendo heteronormativa. Portanto, homens e mulheres são ensinados/as a agir e a ter um comportamento que se identifica com o seu sexo biológico e estão adequados ao padrão social da heterossexualidade como norma (DE JESUS, 2012).

Além desse padrão no contexto amoroso e sexual, os meninos não podiam brincar com as meninas, nem as meninas deviam brincar com os meninos. Os meninos não podiam brincar com boneca ou qualquer tipo de brincadeiras que eram “destinadas apenas” às meninas e as meninas não podiam brincar com brinquedos e nem com as brincadeiras que eram “destinados” aos meninos. Seguindo este padrão social, muito semelhante em diversas outras sociedades, acreditava que só devia existir homens e mulheres heterossexuais. Na minha infância e adolescência na cidade de Praia, só andava com amigos héteros e presenciavam e vivenciava problemas relacionados à intolerância e à violência contra a população homossexual. Comecei a praticar alguns preconceitos ainda na infância, nomeando as pessoas que não seguiam o padrão heteronormativo com termos pejorativos, como: bixa, viado, mulherzinha, dentre outros, e lembro de já ter jogado pedras contra as mesmas. Apesar das agressões serem mais direcionadas aos rapazes, também envolvia as mulheres lésbicas.

Após as diversas experiências de preconceito, racismo e perseguição, fui dando espaço para me aproximar, conhecer e conviver com jovens que se relacionavam com pessoas do mesmo sexo. Com essa aproximação, entendi que antes estava praticando homofobia. Compreendi na prática como a sociedade nos coloca dentro de um padrão heteronormativo, no qual as diversidades de gênero e orientações sexuais são vistas como algo ruim, fora do normal.

No mesmo período, em 2011, quando estudava na Escola Secundária Constantino Semedo, em Achada São Filipe, fui percebendo que podia ter amigos com identidade LGBT¹ e que eram pessoas normais, que tinham sentimentos, prazeres e vontades que a sociedade não via como sendo algo normal. Nessas convivências, senti um pouco daquilo que elxs sentiam — os abusos, perseguições, discriminações e preconceitos que os levam a não serem respeitados pelos colegas na sala de aula e nem na rua. Essa percepção, além de ser um aprendizado, também foi um problema para mim. De certo modo, já imaginava que eu ia sofrer essas ações de preconceito só pelo fato de estar perto e de ser amigo de colegas LGBTs. Por outro lado, eu também sabia que eu não seria o alvo principal dessas ações homofóbicas e não viveria as mesmas violências que os meus amigxs. Essas ações que acontecem pelo simples fato da construção social heteronormativa, seguem regras, normas e uma ordem social construídas dentro desse padrão hétero e cisgênero.

Apesar da minha vivência pessoal com atitudes preconceituosas contra os LGBTs, em casa, minha mãe nunca dividiu as tarefas do tipo “as meninas fazem isso e os meninos fazem aquilo”. Pelo contrário, sempre colocou todos para fazerem as mesmas tarefas e a cada dia era uma pessoa que fazia as tarefas de casa como: lavar louça, roupa, limpar a casa e cozinhar. Todos/as tínhamos que fazer essas atividades e ela também não impedia os meninos de brincar com boneca e nem de brincar de qualquer brincadeira considerada “de menina”, meu pai também não era diferente. Mesmo que por vezes eles falassem alguma coisa preconceituosa acerca de gays e lésbicas ou me proibissem de fazer algo que supostamente fugisse do padrão de gênero, como passar esmalte em uma unha da mão, algo que eu sempre gostei e que para mim não tinha nada a ver com a sexualidade, mas que para eles é algo somente para mulheres, entendia e entendo eles. A partir das vivências que tiveram, da construção deles, de certa forma é difícil mesmo lidar com outro conhecimento sem ser o que já se conhece/sabe ou foi moldado/construído pela sociedade por séculos.

Essa relativa abertura para sair dos padrões de gênero dentro de casa tem ressonância no meu interesse pelo presente tema de pesquisa e pela minha experiência enquanto estudante da UNILAB. Ao ingressar na universidade, observei que havia pouco espaço para se abordar as tensões e os problemas vividos pelos estudantes LGBTs dentro da própria universidade. Muitas

¹ Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros.

vezes, percebi que a comunidade acadêmica, portanto, professores/as, estudantes/as e funcionários/as, não vê a universidade como um espaço também dos estudantes LGBTs e discrimina-os, assim como os que dão apoio aos mesmos. Os apoiadores, em cujo grupo me incluo, muitas vezes, são automaticamente vistos como uma pessoa que tem uma identidade LGBT, como se isso fosse uma coisa ruim.

O campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/UNILAB-Malês, *locus* da investigação, localiza-se na cidade de São Francisco do Conde, localizada na região do Recôncavo Baiano. O campus foi inaugurado em 2014 e segue os princípios da UNILAB de cooperação solidária e em parceria com os países de língua oficial portuguesa, visando o desenvolvimento econômico, político e social da CPLP e a formação de cidadãos capazes de multiplicar o aprendizado. No campus dos Malês funciona o Instituto de Humanidades e Letras com estudantes dos PALOP's e do Brasil.

Em diálogos informais com estudantes LGBTs da UNILAB, eles afirmam existir uma série de ações dentro da universidade que dialogam com a noção de “pedagogia do armário”, discutidas nas produções de José Aelson da Silva Júnior (2018), Leonardo Senna (2015) e Rogério Diniz Junqueira (2012, 2014, 2015). Embora essa pedagogia esteja pautada em um currículo que reforça a heteronormatividade², ela é propagada também nos espaços escolares, nas relações de poder, nas normas de comportamento, nos conteúdos e nas práticas pedagógicas (JUNQUEIRA, 2013). Na percepção de parte dos estudantes LGBTs com os quais conversei, se faz presente no repertório de muitos/as integrantes da comunidade acadêmica, uma heteronormatividade muito violenta, imposta fora e dentro da universidade, como veremos mais adiante.

Enquanto Silva Júnior trata da “pedagogia do armário” ao discutir identidade, pertencimento e apropriação do futebol por torcedores homossexuais, Leonardo Senna, em colaboração com as Colunas Tortas, utiliza-se desta noção para tratar do rompimento da heteronormatividade. Já Rogério Diniz Junqueira aborda a “pedagogia do armário” ao investigar a relação entre

² Termo utilizado para explicar um padrão de situações nos quais as orientações sexuais de pessoas que não se identificam como heterossexuais, são desclassificadas, ignoradas e muitas vezes perseguidas por ações sociais, por crenças ou políticas, consequências do que podemos denominar como homofobia (WARNER, 1991). Este termo foi criado pelo crítico literário norte-americano Michael Warner, considerado um dos fundadores da Teoria Queer, que será apresentada mais adiante.

educação escolar, avaliações educacionais e direitos humanos, com ênfase nos temas do direito à educação, diversidade, direito à diferença, deficiência, gênero, sexualidade, racismo e cotidiano escolar.

O conceito de “pedagogia do armário”, sob a perspectiva dos autores, relaciona-se diretamente às pessoas de identidades LGBTQs. O “armário” representa um tipo de capa, de proteção perante a sociedade, onde a partir das experiências de vida que elas já tiveram, pela observação do que pode acontecer caso assumam suas identidades não moldadas naquilo que a sociedade construiu como norma. O “armário” também pode simplesmente representar o medo perante uma sociedade construída tendo como base a heteronormatividade. Tudo isso se relaciona e provoca uma dificuldade de expor sua identidade socialmente, guardando-a no armário, e assumindo uma identidade “hetero-forjada” perante a sociedade. Junqueira (2013, p 481), define o conceito de “pedagogia do armário” como um “conjunto de práticas, relações de poder, classificações, construções de saberes, sujeitos diferentes que o currículo constrói sob a égide das normas de gênero e da matriz heterossexual”.

Dessa forma, na “pedagogia do armário” em exercício se desconsidera a existência de pessoas LGBTQs por não estarem nos padrões normativos da sociedade, contribuindo com a reprodução e a sustentação da existência de uma sexualidade heteronormativa. Como consequência, as pessoas que não estão dentro dessa normatividade acabam muitas vezes se sentindo excluídas, perseguidas, e sofrem violências, chegando muitas vezes a homicídio provocado por homofobia. Isso faz com que muitos/as LGBTQs por receios diversos não queiram ser identificados como tal, mantendo assim essa identidade escondida para a sociedade de maneira geral. E quando isso acontece, muitas vezes, a pessoa fica ouvindo discursos como: ‘a pessoa está no armário’, ‘saia do armário!’ (JUNQUEIRA, 2015). ‘Sair do armário’, neste caso, significa viver a própria identidade de forma livre e autônoma, saindo também do lugar de subalternização.

Muitas vezes, essas identidades são colocadas de lado, são excluídas no espaço acadêmico, o que acaba gerando conflitos e divergências. A partir de observações no cotidiano da UNILAB, percebi que os estudantes LGBTQs passam, frequentemente, por exclusões sociais. Neste ano de

2019, por exemplo, a universidade abriu um edital³ beneficiando a entrada de estudantes transgêneros e intersexuais. Na sequência, os possíveis candidatos viram seus direitos de frequentar uma universidade pública sendo negado, por conta do cancelamento do edital. O edital 29/2019 além de servir como possibilidade de entrada à universidade de um público historicamente excluído do espaço escolar, acadêmico e profissional, também propiciou uma maior visibilidade destes problemas no espaço da UNILAB. Nesta ocasião, parte dos estudantes LGBTs se organizaram em uma ocupação simbólica como tentativa de reabertura do edital. Esse movimento atraiu o meu interesse pelo fato destes estudantes terem organizado uma série de atividades sobre a temática LGBT, dos quais tive a oportunidade de participar e de dialogar com os(as) integrantes do grupo que estava à frente da ocupação.

Ressalto que a UNILAB, diferente da maior parte dos cursos de graduação de universidades públicas, da área de humanas, oferece disciplinas voltadas para questões de gênero, raça e sexualidade. Nesta pesquisa, parto do princípio de que deve ser levado em consideração a interseccionalidade das identidades sociais, na qual se cruzam diferentes esferas de opressão, como o racismo, o sexismo, a homofobia, a transfobia, o classismo dentre outras.

A partir da perspectiva teórica da interseccionalidade, difundida por Angela Davis (2016), dentre outras intelectuais ligadas ao feminismo negro, a experiência como estudante da UNILAB de um homem ou uma mulher negro/a, pobre e LGBT perpassa necessariamente por questões como racismo, machismo, classismo, xenofobia e LGBTfobia de maneira relacional. Essas questões serão discutidas na pesquisa no sentido de melhor compreender o lugar dessas identidades na constituição do ser/indivíduo e das suas experiências no contexto da universidade. Levo em consideração também que muito do que acontece no espaço escolar e acadêmico é um reflexo do que é colocado como modelo pelo capitalismo e pelo eurocentrismo. Portanto, de que as normas de comportamento e de corpo devem seguir as balizas do homem branco, heterossexual e cristão (LOURO, 2000).

Em síntese, o presente projeto de pesquisa pretende compreender as experiências dos estudantes LGBTs na UNILAB-Campus dos Malês, nas quais estão inseridas vivências de sofrimento,

³ O edital 29/2019 foi aberto pela UNILAB através de um processo seletivo específico para candidatas(os) transgêneras(os), intersexuais, binárias e não-binárias nos cursos de graduação presenciais nos Campus do Ceará e da Bahia.

invisibilidade e preconceito no espaço acadêmico, mas também estratégias elaboradas pelos mesmos para “sair do armário”, para a construção de espaços de afeto e para se organizarem politicamente no contexto da universidade. Na minha pesquisa pretendo estudar a comunidade estudantil formada por lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros, mas não descarto, no entanto, a possibilidade de incluir estudantes com outras identidades, como queer/questionando, intersexo, assexuais/arromântiques/agênero, pan/poli, dentre outros, representados na sigla LGBTQIAP+.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender as experiências dos estudantes LGBTs na UNILAB-Campus dos Malês, dentre elas, as ações em prol de uma maior visibilidade, inclusão e garantia dos seus direitos.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Compreender como é exercida a “pedagogia do armário” no ambiente da UNILABCampus dos Malês.
2. Identificar os principais problemas e desafios vivenciados pelos estudantes nos diferentes espaços da universidade.
3. Identificar de que maneira os estudantes LGBTs encaram e criam estratégias para os diversos tipos de problemas vivenciados no campus dos Malês, relacionados às suas respectivas identidades de gênero ou sexual.

3 JUSTIFICATIVA

A “pedagogia do armário” não é um tema muito discutido na UNILAB. Os trabalhos de conclusão de curso abordam as questões relacionadas diretamente à homossexualidade, aos movimentos LGBTQIA+ e à homofobia em outros espaços, não incluindo o ambiente universitário. Por mais que tenham autores que discutam sobre a “pedagogia do armário”, como

Junqueira (2013; 2014) e Júnior (2018), esses estudos não são direcionados para as universidades, mas sim aos ambientes escolares. Nas minhas pesquisas e observações dentro e fora da universidade, percebi que existia um descaso sobre esse tema relacionado às universidades. A convivência com colegas LGBTs, a observação dos problemas vividos por eles, dentre eles a presença de uma “pedagogia do armário” no espaço da UNILAB, a escassez de discussões e estudos sobre este tema no contexto da universidade e, em especial, no contexto africano contribuíram para a escolha do tema do meu projeto de pesquisa. Além disso, com a realização deste estudo, levo em consideração a possibilidade de fazer futuramente uma pesquisa comparativa com universidades de Cabo Verde.

Um estudo sobre esta temática é bastante importante também por possibilitar a construção de debates voltados para as experiências de estudantes LGBTs na universidade, e como consequência, propiciar a desconstrução e libertação das amarras sociais Wendel Souza SANTOS (2014)⁴ ou seja de fugir/escapar desse sistema de poder baseadas nas normas, regras viáveis da construção social heteronormativa e também dos preconceitos praticados pela comunidade acadêmica.

Os/as autores/as Junqueira (2014), Júnior (2018), Elian (2013), Louro (2000), dentre outros, abordam as temáticas da “pedagogia do armário”, heteronormatividade, homossexualidade, pedagogias da sexualidade e homofobia voltadas para o ambiente escolar. Nesses estudos percebemos uma desconsideração acentuada das instituições de ensino quando se trata de questões LGBTs, levando em conta o patriarcado que estrutura a sociedade brasileira e a partir do qual não se respeita as diversidades de identidades, sexualidades e gêneros. No Campus dos Malês se percebe a existência de vários tipos de preconceito e discriminação, que inclui também a xenofobia. As questões LGBTs e a homofobia, no entanto, são pouco debatidas na UNILAB de forma mais ampla, tendo espaço em alguns componentes de cursos, como o BI em Humanidades, Ciências Sociais e Pedagogia. Os problemas vivenciados pelos estudantes LGBTs, no entanto, fica muito mais restrito a um compartilhamento entre os próprios, e mesmo assim, não envolve a sua totalidade.

⁴ Wendel Santos, Graduado em Pedagogia. UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz - Departamento de Ciências da Educação. Ilhéus - BA - Brasil. 45662-900.

Além disso, a pesquisa tem como proposta trazer à tona a “pedagogia do armário”, dando mais visibilidade a essa temática e às experiências de estudantes que são, muitas vezes ignoradas, marginalizadas e perseguidas dentro e fora do ambiente acadêmico. Dessa forma, a pesquisa pretende propiciar espaços de diálogo e discussão sobre o tema de forma mais ampla e geral com a participação de professores, estudantes e técnicos, no intuito de atingir e sensibilizar a comunidade acadêmica como um todo. A proposta desses espaços de diálogo também é multiplicar as ações que propiciem o aprofundamento das aproximações e das trocas de experiências, onde seja possível se colocar no lugar do outro, dando espaço para as diferenças.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

As pessoas LGBTQs, muitas vezes, são agredidas, ignoradas e perseguidas por ações sociais, por crenças ou políticas, como consequência da homofobia, mas também da “pedagogia do armário”. Os estudos demonstram que essa prática não acontece apenas no ambiente escolar e acadêmico, mas também nas ruas, nas instituições, em casa e nos espaços de lazer, como os estádios de futebol. Segundo Silva Júnior (2018), podemos observar que o estádio de futebol costuma ser um lugar bastante homofóbico, onde os torcedores e os jogadores ficam trocando palavras/frases pejorativas como forma de xingamento entre eles, mas que atinge diretamente pessoas com identidades LGBTQs. Frases como: ‘está jogando como um viado’, ‘chuta a bola feito mulherzinha’, ‘você é gay!?’ são comumente usadas nos estádios. Em contraposição a uma homofobia escancarada nos campos e nas torcidas, o autor vai identificar e estudar as torcidas organizadas por torcedores homossexuais. Esses grupos de torcedores estão envolvidos também na luta contra a homofobia no futebol.

Para Sedgwick (2007), o armário é uma estratégia importante e embora não represente uma proteção muito segura, garante uma permanência confortável aos sujeitos que dentro dele estão, pois lhes permite uma consonância com o outro, assumindo a representação que estes desejam ou esperam ver. É exatamente o que ocorre no episódio apresentado acima. Quando identificado sexualmente com os demais membros da torcida, o torcedor gay participa, mesmo que clandestinamente, dos espaços e práticas de confluência da torcida organizada (JÚNIOR, 2018, p 72).

O autor Sedgwick (2007) aborda sobre o *armário* como uma “estratégia” não muito seguro, no qual as pessoas LGBTQs o utilizam para esconderem as suas identidades e para estarem entre os héteros cisgêneros. Essa é uma estratégia para ocuparem secretamente esses espaços e

participar dos encontros ou reuniões entre elxs. Nos meus diálogos com estudantes LGBTs da UNILAB, pude perceber que também devemos ter em consideração que essas identidades podem ficar no armário para se autoconhecer, por vontade própria e muita das vezes pelo medo das violências e dos abusos que podem acontecer contra eles/elas.

No artigo de Raquel Pinho e Rachel Pulcino (2016) “Desfazendo os nós Heteronormativos da escola: contribuições dos estudos culturais e dos movimentos LGBTTTT”, as autoras tratam das atuações dos movimentos LGBTs na luta para considerar as possíveis alternativas que superem práticas heteronormativas no ambiente escolar. Baseando-me nessas autoras, tenho como objetivo compreender como a cultura e a identidade estão relacionadas a essa construção heteronormativa e com a luta contra os padrões e as normas heteronormativas.

A autora Elian (2013) trata das ressonâncias, no espaço escolar, do padrão normativo da sociedade, com normas já impostas, no qual as diferentes identidades sexuais são invisibilizadas e muitas vezes excluídas. As instituições sociais, como as escolas, que ainda insistem em manter esse padrão normativo, contribuem muito para essa exclusão. Podemos observar que o ambiente escolar muitas vezes invisibiliza os/as estudantes, cujos comportamentos não se encaixam no padrão da sociedade heteronormativa. Estes estudantes são repreendidos pela direção ou pelos professores, como forma de excluir, de subestimar, de invisibilizar as diferentes de identidades sexuais. Usando uma pedagogia convencional, a escola faz uso do seu conhecimento como meio de modificar as pessoas e reproduz aquilo que já foi determinado pela sociedade.

Os sujeitos do gênero masculino acabam sendo mais cobrados por essa padronização, isso porque em nossa sociedade os homens são sempre mais pressionados a serem viris, “machos”, e sua sexualidade heterossexual é colocada como troféu. Os meninos quando demonstram afeto pelos amigos logo são repreendidos, enquanto as meninas têm seu comportamento socialmente aceito quando mantêm um contato mais pessoal e físico com as amigas (ELIAN, 2013, p. 2).

O projeto de pesquisa se inspira no estudo de Elian (2013) e na sua perspectiva a respeito da educação como alternativa para a superação de preconceitos e desconstrução da heteronormatividade⁵. Segundo Elian (2013), “A educação é um importante caminho de construção e desconstrução e a sua utilização a favor de uma sociedade que agregue as

⁵ Este conceito possui raízes na noção de “sistema sexo/gênero” do antropólogo cultural americano, mais conhecido como ativista e teórico da política sexual e de gênero, Gayle Rubin (1975), e na ideia de Adrienne Rich (1979-1985, 1986) “heterossexualidade compulsória”.

diferenças é positivo para que novas percepções de normalidade sejam entendidas” (ELIAN, 2013, p 6).

Atenta ao aspecto histórico da sexualidade, Guacira Lopes Louro (2000) afirma que a sexualidade era vista, normalmente, como sendo um tema particular, que devia ser falado entre pessoas que já tinham uma intimidade. A sexualidade não tinha uma dimensão social, o privilégio de se viver a sexualidade de forma profunda era só na fase adulta da vida, algo em que parceiros de sexo oposto partilhavam. A autora, assim, traz algumas questões: “O que se fazia? Experimentava-se de algum modo a sexualidade? Supunha-se uma "preparação" para vivê-la mais tarde? Em que instâncias se "aprendia" sobre sexo? O que se sabia? Que sentimentos se associavam a tudo isso?” (LOURO, 2000, p 9) Guacira Lopes Louro teve que buscar ajuda para encontrar as respostas que pudessem responder a essas questões, a partir dos elementos que estavam relacionados a todas essas perguntas e que de alguma forma contribuíram para construção das pessoas e das sociedades que são: geração, raça, nacionalidade, religião, classe e etnia.

Louro (2000), ao longo de todo esse percurso da vida, percebeu várias transformações em novas formas de se viver, de se relacionar, de estilos de vida, comportamentos e de se construir identidades de gênero e sexuais, diferentes daqueles que por muito tempo era definido como universal.

As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas. Na verdade, desde os anos sessenta, o debate sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero vem se tornando cada vez mais acalorado, especialmente provocado pelo movimento feminista, pelos movimentos de gays e de lésbicas e sustentado, também, por todos aqueles e aquelas que se sentem ameaçados por essas manifestações (LOURO, 2000. p 9 - 10).

O ambiente escolar diz respeito à dinâmica vivida entre todos os elementos da comunidade escolar, principalmente, professores, funcionários e alunos. Tonelotto (2002) entende o ambiente escolar como um local onde se encontram espaços destinados a salas de aula que na maioria das vezes são algo limitado, além de se associarem habitualmente a tipos específicos

de comportamentos admissíveis para uma sala de aula. Sobre esse tema, o crítico literário americano, teórico social Michael Warner (1993)⁶, descreve que:

A escola é um espaço obstinado na produção, reprodução e atualização dos parâmetros da *Heteronormatividade* – um conjunto de disposições (discursos, valores, práticas) por meio das quais a heterossexualidade é instituída e vivenciada como única possibilidade natural e legítima de expressão (WARNER (1993) *apud* JUNQUEIRA, 2013, p 483).

Warner (1993) mostra que os modelos de heteronormatividade também são elaborados e são produzidos e informados dentro do próprio ambiente escolar. Este ambiente é composto por atribuições de discursos, valores e práticas que faz com que a heteronormatividade seja estabelecida e conhecida como algo que é unicamente natural e reconhecida significativamente.

Para Judith Butler⁷ (2003), trata-se de um arsenal:

Um arsenal que regula não apenas a sexualidade, mas também o gênero. A disposição Heteronormativas volta-se a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas *normas de gênero*, as quais, fundamentadas na ideologia do “dimorfismo sexual”, agem como estruturadoras de relações sociais e produtoras de subjetividades (BUTLER (2003) *apud* JUNQUEIRA, 2013, p 483).

As questões ligadas à sexualidade e à identidade de gênero no espaço escolar se esbarra na discriminação e no preconceito, seja dentro ou fora da sala de aula, muitas vezes exercido por outros estudantes, ou até mesmo por parte dos/as professores/as, coordenadores/ as e diretores/as. Ainda mais quando se é abordado papéis ditos masculinos ou femininos, de forma descarada, tratando desse assunto frisando somente numa ótica biológica, assim esquecendo e deslegitimando toda a construção em volta das relações sociais.

As instituições de ensino são criadas para formarem e lidar com pessoas heterossexuais, dessa forma exclui todas as outras formas de sexualidades. A heterossexualidade é estruturalmente

⁶ Crítico literário americano, teórico social e professor de Literatura Inglesa e Estudos Americanos na Universidade de Yale.

⁷ Filósofa pós-estruturalista estadunidense, uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo, teoria Queer, filosofia política e ética. Ela é professora do departamento de retórica e literatura comparada da Universidade da Califórnia em Berkeley (Maxine Elliot Professor).

imposta e também naturalizada como a única forma possível de expressar afetos, sobretudo de ter a sua sexualidade “aceita” e respeitada em sociedade.

Os/as autores/as Ana Maria Faccioli de Camargo e Márcio Mariguela (2007) em artigo/livro sobre o cotidiano escolar abordam sobre problemas relacionados ao ambiente escolar, ao currículo e o seu papel.

No mundo social da escola, cotidiano e currículo se interpelam e se implicam mútua e indissociavelmente, na esteira de uma vasta produção de discursos, enunciados, gestos e ocorrências, em situações em que se re/constroem saberes, sujeitos, identidades, diferenças, hierarquias. (CAMARGO E MARIGUELA (2007) *apud* JUNQUEIRA, 2012, p 64).

Eve Kosofsky Sedgwick (1991)⁸, em sua obra “A epistemologia do armário”, se referindo ao romance de Marcel Proust (1923), afirma que:

A mentira, a mentira perfeita, sobre as pessoas que conhecemos, sobre as relações que tivemos com elas, sobre nossos motivos para algumas ações, formuladas em termos totalmente diferentes, a mentira sobre o que somos, a quem amamos o que sentimos em relação a pessoas que nos amam... – essa mentira é uma das poucas coisas no mundo que podem nos abrir janelas para o que é novo e desconhecido, que podem despertar em nós sentidos adormecidos para a contemplação de universos que de outra maneira nunca teríamos conhecido (PROUST, A PRISIONEIRA (1923) *apud* SEDGWICK, 1991, p 21).

Com esse projeto de pesquisa pretendo compreender, identificar e relacionar essa construção das identidades (LOURO, 2013)⁹ de gênero, da masculinidade heteronormativa e as práticas que permeiam a “pedagogia do armário” na UNILAB. Considerando que esse espaço acadêmico, a partir das minhas vivências e interação com os estudantes LGBTs, muitas vezes, consente, cultiva e promove LGBTfobia, heterossexismo, preconceitos, discriminações, o presente estudo pretende contribuir com a discussão pública sobre esse tema.

⁸ Teórica norte americana de estudos do gênero, teoria Queer e teoria crítica, influenciada pelo feminismo, pela psicanálise, e pela desconstrução). Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust (escritor francês, prestou serviço militar em 1889, Em 1900, efetuou uma viagem a Veneza e se dedica às questões de estética.

⁹ O autor aborda a política de identidades, em que se tornou visível as novas identidades, promovendo meios de consolidação e de identificação de novas divisões sociais. Hall afirma que: “Novas identidades sociais tornaram-se visíveis, provocando, em seu processo de afirmação e diferenciação, novas divisões sociais e o nascimento do que passou a ser conhecido como “política de identidades”” (HALL, 1997, *apud* LOURO, 2013, p 10).

5 METODOLOGIA

Os métodos que vou utilizar neste projeto de pesquisa que seguirá a perspectiva qualitativa são: pesquisa bibliográfica e entrevistas em grupo e individuais. Farei as entrevistas com os jovens dentro do ambiente da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, seguindo o método de seleção dos(das) entrevistados(as) a seleção de entrevistados a partir da amostragem em bola de neve.

Segundo a socióloga Juliana Vinuto (2014), a amostragem nomeada como bola de neve é uma forma de amostra não probabilística que utiliza cadeias de referência, ou seja, a partir desse tipo específico de amostragem não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa, mas torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados.

Nesse sentido, com base nas minhas vivências com pessoas que viriam a contribuir para o desenvolvimento da minha pesquisa, chegarei a outros possíveis informantes-chaves. Para Vinuto (2014), esses informantes-chaves, seguindo tal metodologia, podem ser nomeados como sementes, já que tem a função também de localizar outras pessoas com o perfil necessário para contribuir com a minha pesquisa.

Ou seja os entrevistados podem também recomendar outras pessoas do mesmo grupo para a entrevista, desde que estas tenham as falas relacionadas uma com as outras, com as características pretendidas de modo a obter um certo número de entrevistados.

Segundo Bernard (2005), esta técnica é um método de amostragem de rede útil para se estudar populações difíceis de serem acessadas ou estudadas (Hard-to-find or hard-to-study populations) ou que não há precisão sobre sua quantidade. Essas dificuldades são encontradas nos mais variados tipos de população, mas em especial nos três tipos que seguem: as que contêm poucos membros e que estão espalhados por uma grande área; os estigmatizados e reclusos; e os membros de um grupo de elite que não se preocupam com a necessidade de dados do pesquisador (VINUTO, 2014, p 204).

A partir das pesquisas bibliográficas, das observações, dos diálogos e da minha convivência e as vivências desses estudantes LGBTs, pretendo aprofundar um pouco mais sobre a “pedagogia do armário” e saber como ela é entendida dentro da universidade. Compreender de que forma

esse ambiente contribui para a construção das identidades de gêneros e sexualidades, considerando as experiências dos estudantes LGBTs na UNILAB Campus dos Malês.

Nas entrevistas semi-estruturadas pretendo utilizar um roteiro com as seguintes questões:

1. De acordo com a sua experiência de vida, você já teve receio de expor sua sexualidade? Isso mudou de alguma forma ao ingressar na Unilab?
2. Como é a convivência na Unilab entre pessoas que se identificam com a masculinidade Heteronormativas e estudantes com identidades LGBT's?
3. Você percebe diferenças de tratamento dentro da Unilab entre pessoas com identidades Heteronormativas e LGBT's? De que forma? Em quais situações?
4. Na sua percepção a Unilab contribui para o estabelecimento da Heteronormatividade como padrão? Se sim, de que maneira?
5. Existem dificuldades, constrangimentos relacionados às identidades LGBT's na Unilab.
6. A Unilab oferece suporte quando há violação dos direitos individuais de estudantes LGBT's? Se sim, quais e como?
7. Quais os grupos de apoio LGBT's existem na Unilab? Como eles funcionam?
8. Você participa de algum? Quais os aspectos positivos e negativos sobre o seu funcionamento?

6 CRONOGRAMA

ATIVIDADES	PERÍODO LETIVO						
	2019.1	2019.2	2020.1	2020.2	2021.1	2021.2	2022.1
Aulas Presenciais	X	X	X	X	X	X	X
Levantamento Bibliográfico	X	X	X	X	X		
Revisão Bibliográfica Referente à Temática de Estudo		X	X	X	X		
Leitura e Compreensão do Referencial Teórico			X	X	X	X	X
Análise dos Dados			X	X	X		
Organização do Projeto		X					
Apresentação do Projeto		X					
Estruturação da Monografia						X	X
Entrega da Monografia						X	X
Defesa da Monografia							X

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMARGO, Ana Maria Faccioli de. MARIGUELA, Márcio. **Cotidiano escolar - emergências e invenção** (orgs) piracicaba: jacinta editores 2007.
- DA SILVA, Fabiana Ferreira. MELLO, Elena Maria Billig. **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação**. Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011: CAETANO, Marcio. Masculinidades, androcentrismo e heteronormatividade em experiências escolares, 2016, p 59 – 73.
- DA SILVA, Fabiana Ferreira. MELLO, Elena Maria Billig. **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação**. Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A pedagogia do armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar brasileiro, 2014, p 74 – 92.
- DAVIS, Angela. **O legado da escravidão: parâmetros para uma nova condição feminina. Mulheres, raça e classe**. São Paulo, 2016.
- DE JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2º edição - revista e ampliada, Brasília, dezembro de 2012.
- ELIAN, Isabella Tymburibá. **A heteronormatividade no ambiente escolar**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 1997. Rio de Janeiro: DP&A editora, impresso no Brasil 2006.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Pedagogia do armário: a normatividade em ação**. Revista *Retratos da Escola*, Brasília, v. 7, n. 13, p 481-498, jul./dez. 2013.
- JUNIOR, José Aelson da Silva. **Pedagogia do armário: identidade, pertencimento e apropriação do futebol por torcedores homossexuais**. Belo Horizonte - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2018.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- MISKOLCI, Richard. PELÚCIO, Larissa. **Pedagogia do armário: discursos fora de ordem: sexualidades, saberes e direitos**. JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Pedagogia do armário e currículo em acao: heteronotmatividade, heterosexismo e homofobia no ambiente escolar**. 2013, p 277-305.
- PINHO, Raquel. PULCINO, Rachel. **Desfazendo os nós heteronormativos da escola: contribuições dos estudos culturais e dos movimentos LGBTTTT**. Educ. Pesqui., São Paulo, v.42, n. 3, p 665-680 , jul./set. 2016.
- PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido: a prisioneira**, Biblioteca azul, 1923.

SANTOS, Wendel Souza. **Uma reflexão pós-crítica sobre corpo, gênero, sexualidade no ambiente educacional.** 2014.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A epistemologia do armário.** Cadernos Pagu (28), janeirojunho de 2007: 19-54.

VINUTO, Juliana. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto.** Temáticas, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014.

WARNER, Michael. **Medo de um planeta estranho: política queer e teoria social.** Minneapolis/London: Universidade de Minnesota Press, 1993.